Ensino de português para surdos – reflexões sobre a prática

Autoria: Elidéa Lúcia Almeida Bernardino - Eli Ribeiro dos Santos - -

Resumo: Este estudo busca identificar o quadro atual do ensino de português para surdos em escola inclusiva, na década posterior ao Decreto 5.626, onde reza que o professor regente deve ter “conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos”. Adotando-se o modelo da observação participante (Gil, 1999), foi acompanhada uma classe de surdos no nono ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Belo Horizonte. Os alunos são acompanhados por intérprete (ILS). Foi avaliado especificamente o material didático usado na turma. As idades dos surdos variam de quatorze a dezessete anos; todos têm pais ouvintes. Alguns alunos possuem bom nível de fluência na LS, outros apresentam muita dificuldade com a língua. Por motivos alheios à pesquisa, a professora do início da observação foi substituída, o que, entretanto, somou maior variedade aos dados coletados. Ao término da pesquisa, ficou claro que as professoras observadas não tinham conhecimento da singularidade linguística dos alunos surdos, apesar de buscarem formas de ensino que os alcançassem. A presença do ILS é importante, porém, torna a aula mais longa. Um professor fluente em LS traria maior dinamismo às aulas. Observou-se que o uso de imagens como objeto de ensino foi positivo, por motivar o debate entre os alunos surdos. Embora a classe observada fosse exclusivamente de alunos surdos, a LP não era ensinada como uma segunda língua – o que deve ser repensado principalmente na educação inclusiva. Outro ponto fundamental é a inexistência de material didático voltado ao ensino de LP como L2. Os problemas observados na pesquisa apontam para uma perpetuação da exclusão do aluno surdo, o que mais uma vez coloca em xeque as políticas de inclusão dos surdos em escolas normais.